

ROTEIROS DO
PATRIMÔNIO
DA USP

campus butantã



Catálogo na Publicação
Universidade de São Paulo. Centro de Preservação Cultural.

C397r Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo (CPC USP)
Roteiros do patrimônio da USP : campus butantã / Flávia Brito do Nascimento, coordenadora. — 1. ed. — São Paulo : CPC USP, 2024.
PDF (65 p.) : il. — (Roteiros do Patrimônio)
ISBN 978-85-85026-05-9
DOI: 10.11606/9788585026059

1. Patrimônio cultural. 2. Universidade de São Paulo (Brasil). I. Flávia Brito do Nascimento II. Universidade de São Paulo. Centro de Preservação Cultural. II. Título: Roteiros do patrimônio da USP: campus São Paulo.

CDD 378.816

Elaborado por: Ana Célia de Moura CRB-8 7397

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo alterações ou qualquer uso para fins comerciais.



ROTEIROS DO PATRIMÔNIO DA USP

campus butantã

SUMÁRIO

<i>roteiros do patrimônio da usp</i>	p. 07
<i>os bens culturais da usp no campus butantã</i>	p. 08
<i>percurso</i>	p. 12
<i>cepe</i>	p. 12
<i>crusp</i>	p. 20
<i>torre do relógio</i>	p. 28
<i>casa de culturas indígenas</i>	p. 34
<i>canal tejo</i>	p. 36
<i>prainha da eca</i>	p. 38
<i>poli</i>	p. 40
<i>fau</i>	p. 48
<i>figueira da alameda glette</i>	p. 58
<i>fflch</i>	p. 60
<i>bibliografia</i>	p. 69



Roteiros do Patrimônio da USP

O projeto Roteiros do Patrimônio da USP é uma realização do Centro de Preservação Cultural – Casa de Dona Yayá que tem como missão colaborar no reconhecimento, preservação, salvaguarda e difusão dos bens culturais da Universidade de São Paulo. A USP concentra uma variedade de referências culturais, como edifícios, monumentos, lugares, acervos, coleções, celebrações, saberes e fazeres com enorme potencial de construção de conhecimentos e pertencimentos.

O projeto consiste na estruturação de itinerários que são um convite à visita e à reflexão sobre o patrimônio cultural universitário. A primeira edição dos Roteiros, elaborada entre 2022 e 2023, traz três publicações sobre espaços urbanos fundamentais para a USP: o Centro de São Paulo, a Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira e o Campus de São Carlos.

Para cada um destes, um mapa apresenta o percurso sugerido, as edificações e espaços de interesse, informações sobre a história e sobre o cotidiano universitário. As publicações procuram fomentar o conhecimento sobre a história da USP, apresentando edificações de particular importância, cujas informações são organizadas em três eixos: valores e memórias, história material e seus usos.

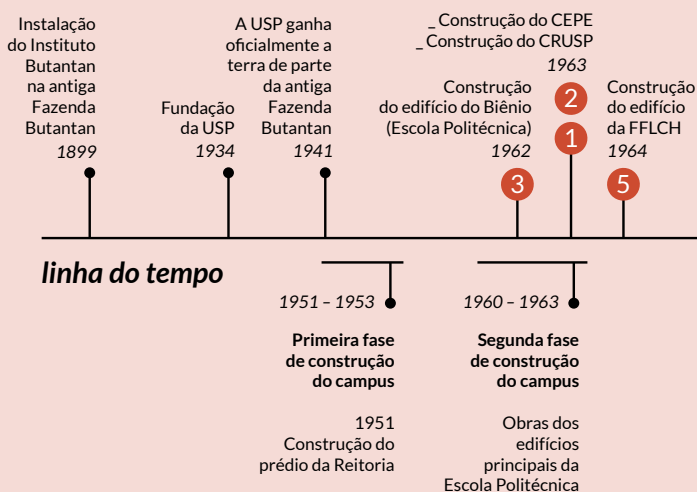
Os roteiros podem ser realizados de forma autônoma ou acompanhada pelos monitores do CPC-USP. A experiência é enriquecida com os audioguias que ampliam o conhecimento e a reflexão sobre o patrimônio universitário. Informações adicionais, como bibliografia, imagens, documentos e os áudio-guias são acessadas pelo QRCode.

OS BENS CULTURAIS DA USP NO CAMPUS BUTANTÃ

Na região do Butantã, território indígena de origem tupi: yby (terra) e atã (duro), as terras da antiga Fazenda Butantan, próximas ao Rio Pinheiros, onde desde 1899 instalou-se o Instituto Butantan, deram lugar ao campus da USP em São Paulo.

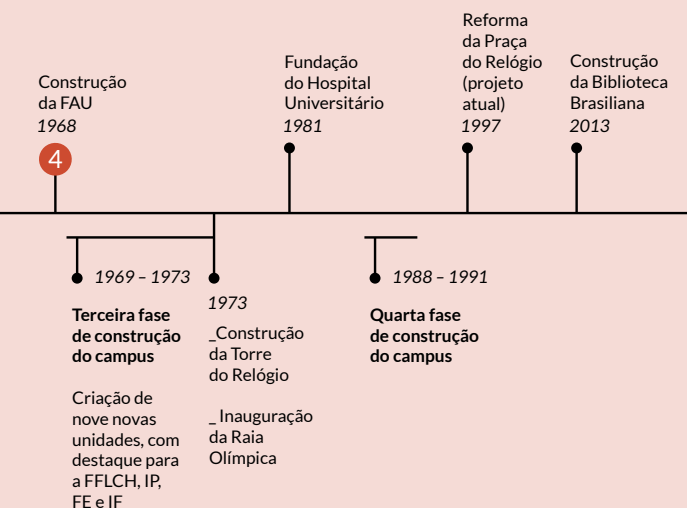
A Universidade de São Paulo foi fundada em 1934 como um projeto político das elites paulistas para a formação de uma instituição de ensino superior de excelência. Os cursos superiores de institutos existentes na Capital deram origem à Universidade: a Escola Politécnica, a Faculdade de Farmácia e Odontologia, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, às quais se somou a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, em Piracicaba. Os primeiros anos de vivência universitária da USP estiveram ligados à região central de São Paulo, nos diversos edifícios já ocupados pelos cursos superiores em andamento.

A proposta de um campus que reunisse as vivências acadêmicas foi iniciada nos anos 1940

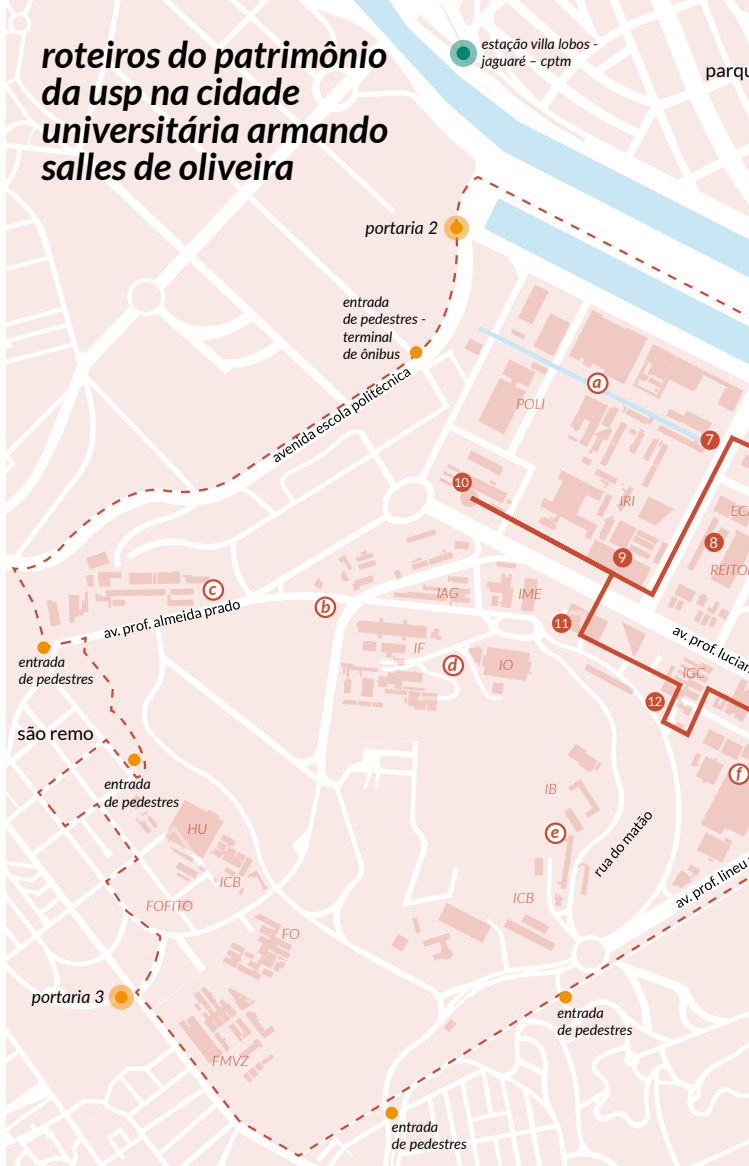


com a construção da Cidade Universitária, um ideal de espaço de ensino superior recorrentemente nas universidades. As terras da antiga Fazenda Butantan, próximas ao Rio Pinheiros, onde desde 1899 instalou-se o Instituto Butantan, deram lugar ao campus da USP em São Paulo. O processo de construção levou longos anos, num processo que se completou nos anos 1970. A Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira (CUASO), em sua forma atual, é resultado de diversos projetos que se seguiram ao longo do século 20, abrigando inúmeros cursos superiores, espaços institucionais e políticos, com uma vigorosa vida institucional.

Os seus edifícios e lugares são marcos da produção intelectual, científica e cultural da USP. Eles foram, ao longo de sua história, palco de inúmeros eventos relevantes na história política e cultural de São Paulo e do Brasil. Ali estão desde símbolos do movimento estudantil e da luta contra a ditadura civil-militar, até expoentes da arquitetura brasileira, passando por inúmeros espaços de apropriação cultural, formação intelectual, assim como do cotidiano estudantil.



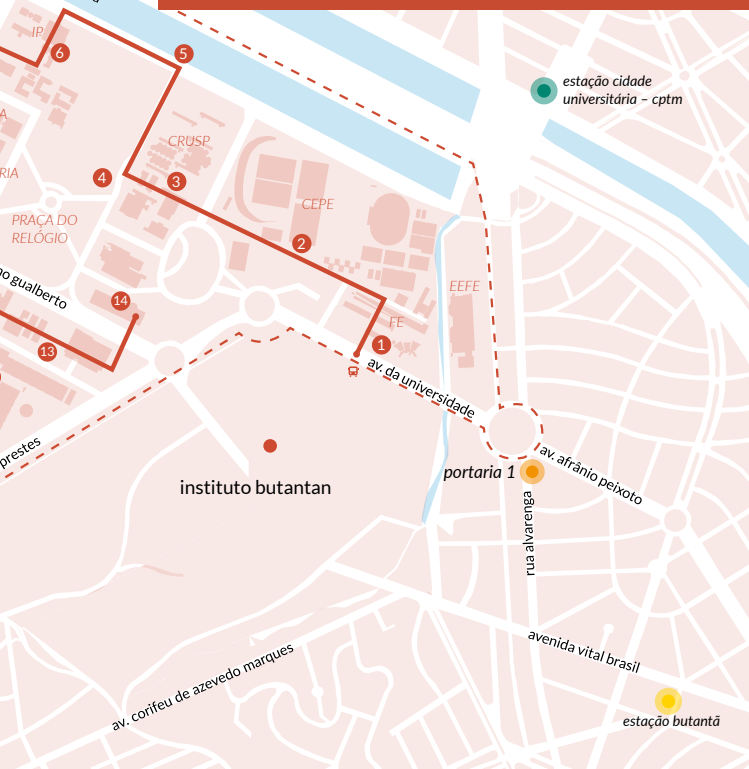
roteiros do patrimônio da usp na cidade universitária armando salles de oliveira



Pontos do percurso

- 1 FE-USP - Faculdade de Educação da USP
- 2 CEPE-USP - Centro de Práticas Esportivas da USP
- 3 CRUSP - Conjunto Residencial da USP
- 4 Praça do Relógio e Reitoria
- 5 Raia Olímpica
- 6 Casa de Culturas Indígenas do IP - Instituto de Psicologia
- 7 Canal Tejo
- 8 Prainha da ECA - Escola de Comunicação e Artes
- 9 FEA-USP - Faculdade de Economia e Administração da USP
- 10 POLI-USP - Escola Politécnica da USP

Dentro da pluralidade de lugares, edifícios e vivências que a Cidade Universitária possibilita, o Centro de Preservação Cultural da USP propõe um percurso que busca explorar as possibilidades do patrimônio cultural, valorizando os usos e as vivências cotidianas, as áreas livres e os edifícios, evocando memórias, dissensos e pertencimentos. Como um convite à reflexão sobre os significados do patrimônio cultural da Universidade de São Paulo, a proposta busca apresentar o campus de forma crítica e reflexiva. O patrimônio universitário é feito de sobreposições de temporalidades da atuação institucional das diversas gerações que, ao compartilharem experiências de formação e de trabalho, seguem em constante mudança e expansão, reinventando as suas tradições com o tempo e as gerações.

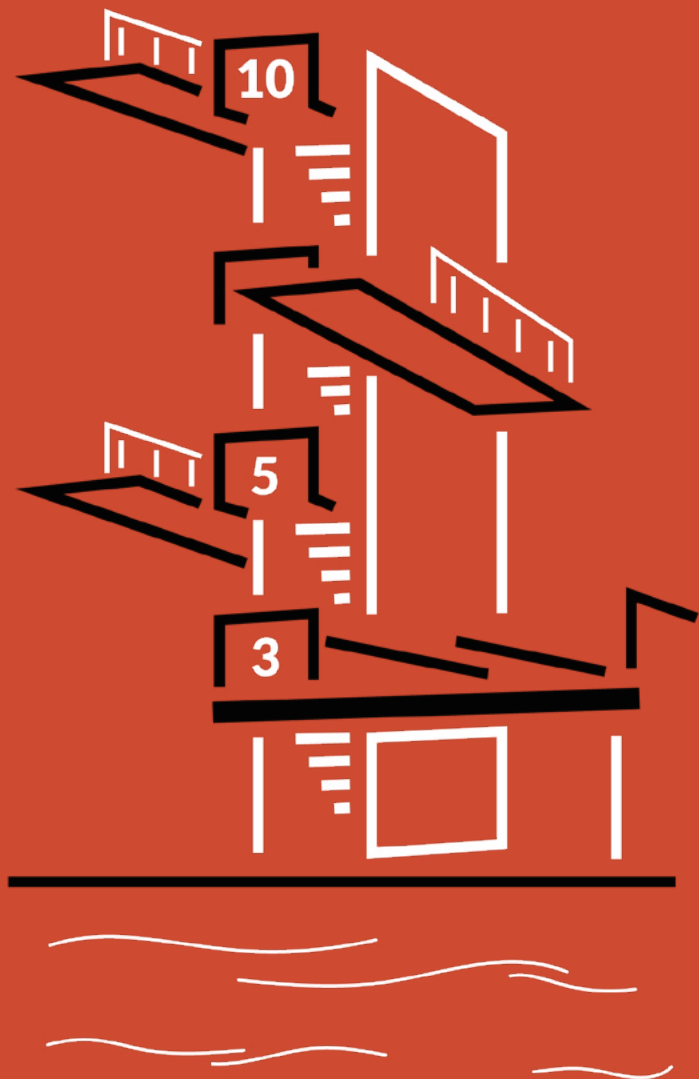


- 11 FAUUSP - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design
- 12 Figueira da alameda Glette
- 13 FFLCH-USP - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP
- 14 Biblioteca Brasileira

Pontos de interesse fora do percurso

- a núcleo de artes afrobrasilereiras
- b parque esporte para todos
- c museu de arqueologia e etnologia
- d morro da coruja
- e jardim do instituto de biociências
- f instituto de química da USP

cepe



O Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP) é um complexo esportivo que conta com quadras, ginásios, piscinas, campos e pistas para diversas modalidades, além de vestiários e salas de atividades. Construído para os Jogos Pan-Americanos de 1975, que não ocorreram, o CEPE tornou-se um dos maiores símbolos da Cidade Universitária e um dos locais onde a integração entre alunos, professores e funcionários ocorre de maneira mais latente. Local de treino para as associações atléticas do campus, o espaço também sedia inúmeros eventos esportivos e competições universitárias. Completam o CEPE, a Raia Olímpica para a prática de esportes aquáticos como remo e canoagem. O local é utilizado para o treino de equipes universitárias e externas, sendo uma referência para atletas e paratletas profissionais.



Foto: Divulgação/CEPE-USP

(...) eu ia assistir todos os jogos possíveis, mesmo sem jogar, porque eu amo muito aquilo. Chegar lá e ver toda aquela energia da Universidade se renovando, e por meio do esporte, todo mundo estar integrado, é muito bonito. E não importa se você é bom no esporte, o importante é fazer parte de uma comunidade e viver essa comunidade e os valores dela.

MILA PAMPLONA, JORNAL DO CAMPUS, 2021

MEMÓRIA

Espaço de encontros, confraternizações e competições, o CEPE é presente nas memórias de boa parte dos estudantes que passam pela USP. O esporte universitário é uma das experiências mais marcantes no cotidiano dos alunos da Cidade Universitária. O conjunto esportivo é um marco importante da arquitetura do campus e também da cidade de São Paulo, simbolizando o início de um período de aumento de recursos para a construção de infraestruturas esportivas na capital. Apesar de suas diversas instalações, são tombados apenas o estádio, a torre e piscina de saltos e a piscina olímpica.

Sediando momentos de integração, aprendizado, lazer, além de contribuir para o fomento do espírito de competição e a prática de exercícios físicos, o Centro de Práticas Esportivas chegou a ser um equipamento da cidade aberto a população em geral e, posteriormente, viu suas instalações se deteriorarem, ansiando por reformas e investimentos. Contudo, seu uso nunca deixou de ser fundamental e sua importância indiscutível para todo o corpo universitário.

MATERIALIDADE

Com projeto dos arquitetos Ícaro de Castro Mello e Alfredo Paesani, referências da arquitetura esportiva no Brasil, o CEPEUSP conta com uma vasta infraestrutura e diversos equipamentos para a prática de atividades físicas, esportivas



e recreativas variadas. É composto, atualmente, de seis campos de futebol (sendo um de sociedade); arquibancada para 10.000 pessoas, quatro módulos de quadras cobertas para esportes coletivos, um para ginástica artística e um para artes marciais; nove quadras de tênis; dez quadras poliesportivas descobertas; conjunto aquático; uma pista de atletismo; uma pista interna para jogging; velódromo oficial; paredão de tênis; dois auditórios e a raia olímpica, que conta com vestiários, academia, pista rústica, barcos e garagem. Tanto o CEPE quanto a Raia possuem espaços de treino e dependências que cumprem requisitos de acessibilidade, podendo ser utilizados por paratletas de diversas modalidades.



Foto: Divulgação/CEPE-USP

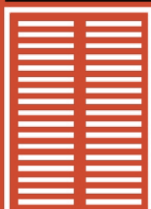
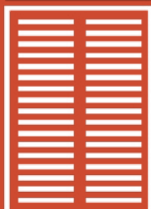
USOS ATUAIS

A potencialização da paixão pelo esporte e da integração entre institutos são marca e reflexo da presença do CEPE no campus. Para além de seus serviços prestados à comunidade uspiana, os cursos, atividades e programações são abertos ao público em geral e o CEPE também oferece modalidades esportivas adaptadas e especializadas. Seus campos e estádios frequentemente são utilizados para eventos culturais dos mais variados. Assim, seu valor enquanto equipamento público, de qualidade, é relevante não apenas para a Universidade, mas também para a população das imediações do campus e de toda a cidade de São Paulo.





crusp



O Conjunto Residencial da USP é território de grande efervescência cultural e política dentro do espaço universitário. Símbolo da sobreposição de diferentes interesses e disputas, desde sua primeira ocupação como moradia estudantil em 1964 e sua posterior invasão pelos militares em 1968, o CRUSP aponta para a multiplicidade de identidades e narrativas que compõem a comunidade da Universidade de São Paulo. Entre os usos, disputas políticas e memórias, grande parte de seu projeto original sofreu alterações, em especial alguns dos edifícios que usados de forma distinta do projeto original ou foram demolidos. Ainda assim, o complexo se mantém como um lugar de grande relevância para vivência e mobilização estudantil e, sobretudo, para luta pela permanência universitária.



Foto: Autoria desconhecida/Acervo do grupo de ex-moradores do CRUSP

Para além de lugar da vida universitária e suporte de manifestações culturais, o CRUSP também é tomado como um símbolo da luta dos estudantes por políticas de permanência estudantil.

GABRIEL FERNANDES, JOÃO PEDRO BARBOSA, BEATRIZ CARVALHO, NÚCLEO DOCOMOMO SP, 2020

MEMÓRIA

O CRUSP foi inicialmente concebido para alojar os atletas dos Jogos Pan-Americanos de 1963 e, posteriormente, seria destinado para habitação estudantil, o que aconteceu em 1964. No período da ditadura civil-militar, o CRUSP foi invadido por tanques militares por abrigar movimento estudantil. Com a prisão dos moradores, o conjunto permaneceu fechado por cerca de 10 anos. O CRUSP é ambiente catalisador das mobilizações por permanência estudantil, espaços de sociabilidade e cotidiano do Campus com a presença do bandejão central, de pequenos comércios locais, de espaços de reunião como a ágora - uma praça na saída do bandejão, do DCE e de espaços de vivência acadêmica, e, finalmente no corredor coberto de ligação entre os edifícios.

MATERIALIDADE

O projeto original, proposto por Eduardo Kneese de Mello, previa 12 blocos de moradia intercalados por amplos gramados e conectados por uma única marquise de 300m de extensão. Todavia, os blocos H e I não foram construídos; o bloco J foi demolido para recuperar um eixo monumental que passa pela Reitoria e a Torre do Relógio; e os blocos K e L estão destinados à administração central. Sendo assim, o conjunto conta com 8 lâminas de moradia, incluindo o bloco A1, que abrigam cerca de 1700 estudan-



tes. Os edifícios contam com um térreo, originalmente aberto em pilotis, fechados ao longo dos anos, e seis pavimentos de moradia. O conjunto é pioneiro no uso de elementos pré-moldados de concreto armado em grande escala, se caracterizando como um símbolo da cultura arquitetônica paulista e da construção habitacional em larga escala.

USOS ATUAIS

Além dos blocos de moradia, o CRUSP conta com edifícios que atraem a comunidade acadêmica, complexificando a sua vivência. O Espaço das Artes, sede do Diretório Central dos Estudan-



Foto: João Víctor Nunes/Acervo CPC-USP

tes, Restaurante Universitário Central, Auditório Camargo Guarnieri e espaço das colméias, congregam os . Mais do que um lugar de passagem, a marquise é o local de sociabilidade no dia a dia e seus pilares são utilizados como espaço de divulgação, expressão cultural e reivindicação política. O pavimento térreo do bloco F conta com a sede da associação dos moradores, padaria, copiadora e salas que oferecem atividades culturais e esportivas à comunidade cruspiana. O espaço livre no exterior deste bloco, conhecido como a ágora, é um lugar para reuniões políticas estudantis, testemunho das práticas de mobilização dos estudantes na vivência da Cidade Universitária.

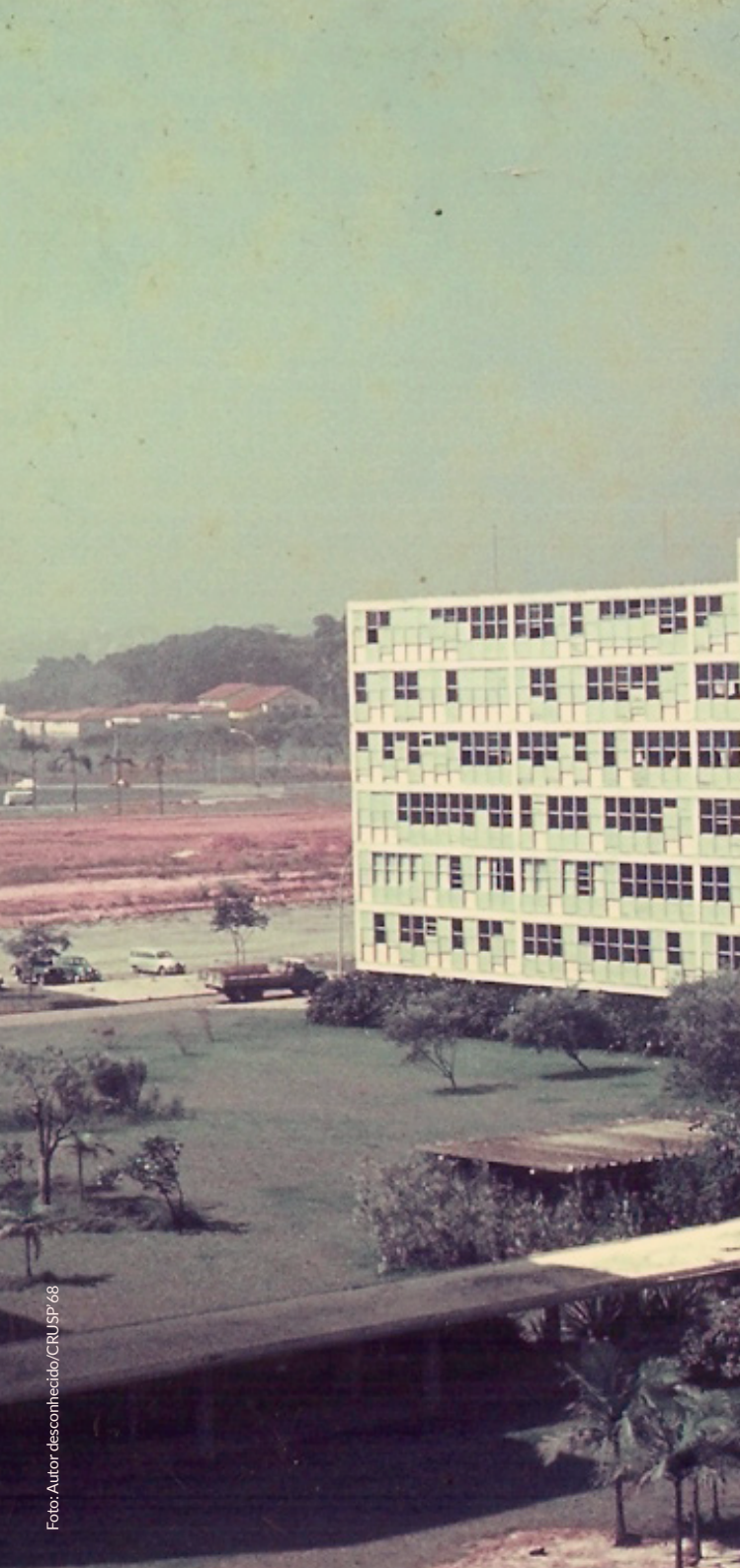


Foto: Autor desconhecido/CRUSP'68



torre do relógio

A nossa Torre individualiza, portanto, imagem própria para a representação da Universidade de São Paulo. Quem olha para aquela Torre 'vê' a Cidade Universitária. E os que já tiverem visitado, recomporão por esta imagem típica, o parque universitário de São Paulo.

**ERNESTO DE SOUZA CAMPOS, CIDADE
UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE DE
SÃO PAULO, 1954**

A Praça do Relógio é uma centralidade importante do Campus, na sua porção próxima à margem do Rio Pinheiros e da Raia Olímpica e ao lado do CRUSP. Com área total de 165 mil metros quadrados, os diversos bosques da Praça representam os biomas da cidade e do Estado de São Paulo. É um importante espaço de sociabilidade e ligação entre as áreas dos institutos da Universidade, com diversos usos que vão para além dos tradicionais de uma praça — seja pela comunidade universitária, como os eventos institucionais e ensaios das baterias universitárias, ou pela comunidade externa, que frequentemente utiliza o espaço para o esporte, lazer e recreação.



MEMÓRIA

A Torre do Relógio ou Torre Universitária e o Prédio da Reitoria são as únicas partes construídas do projeto do Centro Cívico da Cidade Universitária, idealizado por Rino Levi e que ainda teria um auditório e uma biblioteca central. A praça resta como o eixo monumental que foi recuperado pela Universidade com a demolição de blocos do CRUSP exclusivamente para a sua visualização da Avenida da Universidade, um dos principais acessos ao Campus.

A Torre do Relógio foi inaugurada em 1973 no contexto das celebrações do bicentenário de São Paulo. Foi projetada pelo arquiteto Rino Levi e em suas empenas estão os desenhos em relevos feitos pela professora da FAUUSP Elizabeth Nobiling, que simbolizam a várias identidades dos Institutos da USP. Após anos de usos variados e intensos, como campos de futebol, espaços para shows e área de lazer, as muitas disputas e dissensos do seu uso levaram à realização de um novo projeto paisagístico elaborado pelo professor da FAUUSP



Silvio Macedo nos anos 1990, a pedido da Universidade. O projeto reconfigurou a praça com a premissa de qualificar diversos espaços com foco no estar e na contemplação, resultando, ainda, na monumentalização do espaço.

MATERIALIDADE

A Torre do Relógio é composta por dois largos pilares de concreto aparente com 50 metros de altura. As duas lâminas são unidas por uma escada que leva ao topo, onde se localiza o relógio que dá nome à escultura. No concreto encontram-se os doze relevos da professora Elizabeth Nobiling, seis deles representando o “mundo da fantasia” (Poesia, Ciências Econômicas, Música, Dança e Teatro, Ciências Sociológicas, Artes Plásticas e Filosofia), e seis outros representando o “mundo da realidade” (Astronomia, Química, Geologia, Física, Biologia e Matemática). No seu entorno foi construído um grande espelho d’água circular, seguido por uma área da Praça que articula os diversos percursos, e também onde ocorrem eventos diversos, pretendendo ser um ponto de convergência da vida universitária.



USOS ATUAIS

A Praça do Relógio, além de marco visual e cartão postal da Cidade Universitária, é um importante lugar de integração da USP, que vai além dos edifícios dos institutos. A sua localização ao lado do CRUSP, do Centro Cultural Camargo Guarnieri (sede do Cinusp, Tusp, Osusp e CoralUSP), do restaurante central (chamado pelos estudantes de “bandejão”), da raia olímpica e do edifício da Biblioteca Brasileira e do Instituto de Estudos Brasileiros (construído em 2013) faz com que ela seja um dos poucos espaços da Cidade Universitária, juntamente com o Crusp, onde a sociabilidade e a integração acontecem, articulando a comunidade interna e externa à USP.

Em 2011, foi instalado na Praça o Memorial aos Membros da Comunidade USP Vítimas



do Regime da Ditadura Militar, homenagem aos professores, funcionários e estudantes que foram mortos ou desapareceram durante a ditadura, como Vladimir Herzog, que era professor de Jornalismo na ECA-USP e foi morto no Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi) em 1975. O memorial faz parte do projeto Direito à Memória e à Verdade da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR).

Mais recentemente, a Praça do Relógio passou a ser lugar de encontro das baterias universitárias dos institutos e demais grupos culturais formados pela comunidade USP, que costumam fazer ensaios no espaço, além de ser muito utilizada para a prática esportiva, lazer e recreação.



casa de culturas indígenas

A Casa de Culturas Indígenas, localizada no Instituto de Psicologia, é um espaço de diálogo entre as tradições indígenas e o mundo acadêmico, auxiliando na construção de conhecimento por meio da visibilização das comunidades indígenas e da Psicologia Indígena. A Casa sedia atividades do movimento indígena dos alunos da graduação e da pós-graduação da USP, e também indígenas da comunidade externa. Promove encontros, debates e atividades que valorizam a ancestralidade, cosmovisões e saberes das culturas indígenas. Além disso, uma forte pauta do grupo são as políticas afirmativas e o acolhimento para os estudantes indígenas na USP.

A casa foi construída em 2017 em uma oficina de verão oferecida pela Rede de Atenção



Foto: Rodrigo Neves/Acervo CPC-USP

à Pessoa Indígena do Instituto de Psicologia, com o financiamento da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) e da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes), e contou com a participação de alunos dos vários institutos da USP. O método de construção coletiva foi inspirado pela cultura tradicional indígena, em que toda a comunidade participa do processo de edificação das casas da aldeia, a fim de transmitir valores, como respeito ao conhecimento dos ancestrais, trabalho em grupo e posicionamento social. A construção é feita em taipa de mão, técnica construtiva que costuma misturar a madeira, bambu, cipó e barro, na tradição Mbya Guarani denominada Xondaro kuery Xondaria kuery onhembo'ea ty apy, espaço de aprendizado de nossos saberes ancestrais.



canal tejo

A Cidade Universitária é localizada na margem do Rio Pinheiros, com a sua parte baixa, planejada, instalada na área da várzea natural do Rio, que passou por obras de retificação, antes mesmo da construção do Campus. O canal Tejo foi construído por meio do manejo de terras na construção da Cidade Universitária, com o objetivo de captar as águas pluviais que vão dos pontos mais altos do Campus em direção ao Rio Pinheiros. O canal parte tamponado, recebendo as águas por debaixo da Praça do Relógio, passa no subterrâneo do Instituto de Psicologia e chega até a POLI, onde segue destampado, levando a água da chuva a céu aberto até o córrego Jaguaré, que por sua vez deságua no Rio Pinheiros.

Além disso, o Tejo e as pequenas pontes para pedestres distribuídas ao longo do seu trecho aberto, fazem parte do cotidiano da Escola Politécnica e se tornou um importante ponto de referência, separando a POLI em duas: o “Além-Tejo” (Engenharias Mecânica, Mecatrônica, de Materiais, de Petróleo, de Minas e Naval) e o “Aquém-Tejo” (Engenharias de Produção, Civil, Química e Elétrica). Em 2011, o córrego passou por um processo de revitalização, consistindo principalmente na limpeza de suas águas.



prainha da eca

“Prainha da ECA” é o nome dado ao espaço localizado entre os edifícios da Escola de Comunicação e Artes e os fundos da Reitoria da USP. O bloco térreo com diversos usos e o amplo gramado são os lugares de vivência estudantil da ECA, e também dos estudantes da USP em geral. O espaço da prainha abrange diversos usos e atividades, como lugares de alimentação, espaços de vivência dos estudantes, apresentações artísticas e assembleias.

O SINTUSP, Sindicato dos Trabalhadores da USP, teve a sua sede em uma das partes do bloco da Prainha por cinco décadas, mas em 2017 foi removido daquele espaço. Desde então, a antiga sede está desocupada e o SINTUSP está sediado em um edifício próximo à Prefeitura do Campus.

No amplo gramado, acontecem diversas atividades, como eventos, celebrações, performances, shows, saraus e as festas, que são tradicionalmente realizadas às quintas-feiras. Em geral, são organizadas pelos estudantes dos cursos da ECA e costumam abranger um público maior, que vai dos estudantes de outros institutos da USP até os de outras instituições de ensino superior.

O espaço foi gradeado em 2016 e teve o seu acesso, antes livre, deslocado para a portaria do prédio central da ECA. Há um conflito de interesses na gestão da Prainha, centrado na questão de como ela será no futuro. Isso se dá pela disputa na gestão deste espaço, entre os órgãos de gestão institucional da USP, e dos estudantes.



poli



A fundação da Escola Politécnica se deu a partir dos ideais republicanos do século 19, que buscavam o desenvolvimento da nação por meio do ensino técnico-industrial. Foi inaugurada em 1894, no Solar do Marquês de Três Rios, oferecendo os cursos de engenharias civil, industrial, agrônoma e mecânica. A sua expansão ocasionou a mudança para o Edifício Paula Souza em 1899, com projeto do Ramos de Azevedo, arquiteto e construtor que participou da fundação e dirigiu a Escola Politécnica. Parte do embrião da Universidade de São Paulo e detentora de grande relevância cultural, a Escola Politécnica carrega memórias de inúmeras disputas políticas e científicas no Brasil. Pautada na difusão do conhecimento e interdisciplinaridade, transferiu-se para a Cidade Universitária em 1960 instaurando o Biênio, dois anos de ciclo básico comuns aos alunos dos doze cursos de engenharia.



Foto: Verônica Alvarenga/Acervo particular

A Poli é isso: um local, no meio da USP, cheio de jovens extremamente talentosos e com pensamentos e histórias diferentes — e é maravilhosa. Basicamente, uma fábrica (...) de boas ideias, iniciativas e, principalmente, mudanças! Tudo isso culmina em uma união indireta extremamente gratificante.

**LUIZ HENRIQUE PIFFER MARQUES, O
POLITÉCNICO, 2022**

MEMÓRIA

A Poli apresenta um importante papel na cena política, universitária e científica do Brasil. A Revista Politécnica, inaugurada em 1904, foi responsável pela divulgação de dezenas de inovações tecnológicas, enquanto o jornal *O Politécnico*, ainda vigente, criado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda no período varguista e posteriormente incorporado ao grêmio estudantil, emitiu posicionamentos contra o regime militar e instigou novos debates, como a presença feminina na universidade e a democratização do ensino superior. Em 1928, a primeira mulher se formou na Poli, e atualmente o corpo discente é composto por mulheres em cerca de 20%. Além disso, a Revista marcou a participação da Escola na Revolução de 1932, defendendo a convocação de uma Assembléia Constituinte e eleições gerais na luta contra a política do “café-com-leite”. Durante os meses do conflito, a Escola Politécnica se transformou em uma fábrica de armamentos em escala industrial, assumindo protagonismo na batalha paulista.

MATERIALIDADE

Atualmente os cursos da Escola Politécnica são distribuídos em nove edifícios na Cidade Universitária, em uma área total de 152.525m². No complexo, destaca-se o prédio do biênio composto por dois volumes interligados em um amplo térreo livre e com salas de aula no andar superior. O bloco circular, apelidado de “cirquinho” pelos estudantes, dispõe de seis salas de aula e configu-



Foto: Cecília Bastos/USP Imagem

ra um grande jardim no térreo. O bloco principal possui espaços de convivência e estudos, como a praça entre os dois auditórios no térreo. Próxima ao Biênio, está a praça Ramos de Azevedo, com um monumento em homenagem ao professor e fundador da Escola Politécnica que realizou diversas obras emblemáticas em São Paulo. Os dois edifícios localizados na outra margem do Tejo foram projetados por Oswaldo Bratke e priorizam a convivência estudantil com blocos construídos em elementos estruturais pré-moldados, que se interligam por pátios, jardins e espelhos d'água.



USOS ATUAIS

A Escola Politécnica atua hoje como um dos principais centros de ensino e pesquisa de engenharia da América Latina. Contribuiu em importantes marcos históricos para o avanço científico brasileiro, como a publicação em 1905 do “Manual de Resistência dos Materiais”, uma das grandes revoluções tecnológicas da época. Em 2020, durante a pandemia de Covid-19, a Poli desenvolveu o Inspire, ventilador pulmonar portátil de baixo custo e rápida produção que foi distribuído para 219 cidades no Brasil. Sediou eventos como a FEBRACE (Feira Brasileira de Ciências e Engenharia).





fau



A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design (FAUUSP) foi fundada em 1948 e instalada no Casarão Vila Penteado, localizado na Rua Maranhão em Higienópolis, vizinho da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL, atual Centro Maria Antonia da USP). Em 1968, durante a ditadura civil-militar, a reformulada graduação em Arquitetura e Urbanismo mudou-se para o novo edifício na Cidade Universitária, projetado pelo arquiteto e professor da FAU João Batista Vilanova Artigas, que teve na busca pela formação social do arquiteto urbanista uma forte premissa de projeto. O casarão da FAU Maranhão continuou a sediar atividades da FAU e uma biblioteca com importante acervo especializado. O edifício sede da FAU é reconhecido nacional e internacionalmente como ícone da arquitetura moderna brasileira.



Foto: Regina Valim/Acervo CPC-USP

Ainda que cada uma das gerações de arquitetos formada no edifício da FAU tenha confrontado diferentes dilemas e escolhas por caminhos que por muitas vezes se distanciaram da arquitetura e do urbanismo, não há quem tenha passado pelo curso de arquitetura de lá sem ter sido tocado pela experiência espacial do edifício da FAU.

**JULIANA BRAGA, O EDIFÍCIO DA FAU-USP
DE VILANOVA ARTIGAS, 2016.**

Associado à vertente brutalista da arquitetura moderna, o edifício da FAU logo tornou-se simbólico, pela sua liberdade e experimentação formal singular. Os amplos espaços de estudo interligados pelo convívio, elemento central da formação de caráter humanista, e a forte relação com o entorno, na inserção urbana do edifício, são elementos fortemente valorizados na FAU. A priorização dos espaços coletivos para o aprendizado comum é uma característica muito marcante da FAU, sendo a formação interdisciplinar em Arquitetura e Urbanismo e em Design, e a vida comum, para além do campo acadêmico e profissional, alguns dos seus importantes sentidos que foram historicamente atribuídos. Com estas características marcantes, a FAU rapidamente se tornou um forte símbolo político, social e cultural da USP nos anos 1970, quando foi lugar de formação e resistência universitária durante a ditadura militar, sediando as grandes assembleias estudantis da USP nos seus espaços.

O edifício principal da FAU foi feito no contexto de uma nova maneira de formação do arquiteto, em um período de reformulação do curso e de endurecimento da Ditadura Militar. O próprio deslocamento da Faculdade para a Cidade Universitária, concomitantemente a outros institutos, colaborou para o estabelecimento de um ambiente de exílio e resistência, reforçado pela cassação de professores da casa após a promulgação do AI-5. A FAU materializou-se como

polo do movimento estudantil organizado, tendo instigado greves e manifestações pela garantia dos direitos de estudantes e funcionários da Universidade. O espectro cultural da Faculdade abarca não somente as manifestações políticas, mas também as celebrações tradicionais. Exemplos são o Batismo dos calouros no laguinho, a Poquedéx e o CrossFau, no ingresso da graduação, e a festa do Equador e o Dance o Clipe, tradicionalmente organizados pelas turmas dos terceiros anos, além dos Happy Hours, também conhecidos como HH's.

MATERIALIDADE

O edifício construído em estrutura de concreto armado aparente possui oito pavimentos em meio nível, onde se inserem um auditório; um piso de laboratórios; o saguão térreo (conhecido como salão caramelo) e administração; um piso destinado à convivência (popularmente, o piso do museu) com uma lanchonete, uma sala circular (conhecida como caracol), um amplo vão, gráfica, livraria, papelaria e espaço de vivência dos estudantes; a biblioteca e setor institucional; as sedes dos três departamentos da FAU e o Ateliê Interdepartamental; os cinco estúdios de trabalho e as salas de aula. A circulação principal é feita por grandes rampas que conectam os pavimentos a partir da entrada, promovendo vistas para todo o edifício e a sensação de fluidez entre os espaços, sendo também lugar de encontro e convivência. Esta fluidez não se restringe aos espaços internos, pela forte ligação da FAU com o seu entorno. O térreo livre e sem portas foi concebido nos moldes de uma praça, e o exterior também é absorvido pela FAU na sua cobertura formada por uma grelha estrutural de concreto, sistema de vigas apoiadas nos 18 pilares internos do edifício, formando espaços vazados e cober-



Foto: Matheus de Souza Santos/Acervo Lero Lero



Foto: Julia Moraes/Acervo CPC

tos por acrílico translúcido, permitindo a entrada da luz natural no interior do edifício. Nos andares inferiores, que não têm contato direto com a cobertura, foram projetadas janelas em vidro de fora a fora, formando partes da fachada do edifício.

USOS ATUAIS

As numerosas turmas de estudantes da FAU costumam encontrar nela um lugar único ao longo dos anos da graduação, pautado na experimentação e na vida compartilhada. O trabalho em coletivo nos estúdios, os grandes auditórios onde são dadas as aulas, os eventos no salão caramelo, as horas nos laboratórios ou o encontro nas rampas são símbolos marcantes da vivência da FAU.

Estes espaços refletem o projeto de formação humanista e multidisciplinar proposto nos anos 1960, que vem se atualizando mais recentemente. Na FAU também são numerosos os grupos de extensão e coletivos estudantis que promovem reuniões, formações, encontros, eventos, apresentações e festas. O piso do museu se destaca nesse sentido, pois é ponto de encontro das mobilizações, eventos estudantis, ou reuniões breves na lanchonete. O auditório costuma receber eventos de toda a USP, como lançamentos, seminários e congressos.

Uma das tradições mais simbólicas da FAU é o banho ou batizado no laguinho. O espaço rebaixado no estacionamento, na frente da entrada do edifício, foi construído especialmente para este fim, em referência ao banho na fonte da Vila Penteadão. Assim, mesmo com a nova sede na Cidade Universitária, a tradição dos calouros se banharem em celebração à sua entrada na FAU, na primeira semana de aulas, se mantém anualmente.





figueira da alameda glette

Na década de 50, ao pé de uma enorme figueira no Casarão da Alameda Glette, árvore de grande porte da espécie *Ficus Macrophylla*, nos Campos Elíseos, em São Paulo, estavam sediados em alguns dos cursos da antiga FFCL - História Natural, Química, Geologia e Psicologia Experimental. Com a ida para a Cidade Universitária, a USP não manteve a posse do palacete, e após passar por diferentes usos ele foi demolido.

A velha figueira no terreno da alameda Glette, atualmente transformado em estacionamento, fez parte da vivência de toda uma geração de antigos alunos da USP, os chamados de “glettianos”, e tornou-se símbolo da memória universitária pelo seu valor referencial e simbólico. A Figueira foi reconhecida como patrimônio ambiental pelo Estado de São Paulo, e os remanescentes do muro antigo, originais do palacete, entraram em um processo de tombamento que posteriormente foi arquivado pelo município.

Como prova da sua relevância, a figueira foi clonada em um esforço da comunidade de alunos que estudaram no palacete da Alameda Glette, reunidos desde 2001 no Grupo Figueira da Glette. Em 2003, quatro mudas foram geradas e plantadas em diferentes pontos da Cidade Universitária. Especialmente nos jardins de algumas das unidades que tiveram suas raízes no palacete da Glette, como o Instituto de Psicologia e o Instituto de Geociências.



Foto: Rodrigo Augusto das Neves/Acervo CPC-USP

fflch



Junto com a fundação da USP em janeiro de 1934, foi criada a Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras (FFCL), concebida como o núcleo da própria Universidade que abrangia áreas para além das ciências humanas, como exatas e biológicas. Sua fundação representa o desejo da elite paulistana por uma modernidade política, segundo as formas do pensamento liberal, idealizando a educação como uma ferramenta de organização social.

Após a Reforma Universitária das décadas de 60 e 70, os cursos de graduação que eram oferecidos pela FFCL no Centro de São Paulo foram reestruturados e cinco deles (Filosofia, Ciências Sociais, Geografia, História e Letras) passaram a integrar a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), instalada no Campus Butantã. Os cursos de exatas e biológicas que eram oferecidos pela FFCL passaram para novos institutos da USP, ocupando seus próprios edifícios.



Foto: Autoria desconhecida/Arquivo COESF

Considero a faculdade inicialmente chamada de filosofia, ciências e letras e depois dividida em vários institutos um acontecimento extraordinário. Ela não apenas mudou a vida cultural de são paulo, mas contribuiu para modificar a de todo o país.

**ANTÔNIO CANDIDO, REVISTA DA
ADUSP, 1999**



MEMÓRIA

Como um dos núcleos iniciais da USP, a FFCL tem importância histórica na instituição, ocupando a cadeira nº 1 do Conselho Universitário. O reconhecimento da produção acadêmica na área de humanidades que a FFLCH consolidou nos 90 anos da USP, extrapola as fronteiras da Universidade, tendo formado, ao longo dos anos, inúmeros pensadores e personalidades reconhecidas no Brasil e no mundo. É um polo de reflexão crítica uspiana, reunindo inúmeras manifestações política.

O edifício Eurípedes Simões de Paula (conhecido como edifício da História e Geografia) da FFLCH, é significativo para os movimentos estudantis, como palco histórico de manifestações e eventos universitários, sendo a FFLCH um lugar onde tradições são passadas de geração em geração de estudantes. Os grandes cartazes de conteúdo sociopolítico (chamados de krafts), sempre expostos pelos estudantes nos vários espaços da FFLCH, são uma importante característica e expressam temas que vão da permanência estudantil até a política nacional.

MATERIALIDADE

Seis edifícios compõem a FFLCH na Cidade Universitária: a Biblioteca Florestan Fernandes; a Casa de Cultura Japonesa; o Edifício de Filosofia e Ciências Sociais; o Edifício Antônio Cândido, do curso de Letras; o Edifício Eurípedes Simões de Paula, dos cursos de Geografia e História; e o prédio da diretoria e administração, construídos com os remanescentes de um dos blocos do CRUSP.



Quando os cursos da antiga FFCL foram para o Campus, associados aos novos institutos da USP, e, enquanto os edifícios eram construídos, muitos deles passaram a ocupar os chamados “barracões”, galpões construídos em estrutura metálica. O Prédio da História e Geografia, inaugurado em 1964, foi o primeiro edifício da FFLCH a ser construído. Foi projetado pelo arquiteto Eduardo Corona, que destacou a importância da sociabilidade na grande área livre do térreo, equipada com espaços de uso comum, como biblioteca, auditórios, espaços de estudos e de convivência estudantil. As salas de aula ficam no andar superior, conectadas ao térreo por rampas, que são posicionadas no centro do vão. Assim, esta centralidade do espaço interliga dois lados externos do edifício com os seus andares, possibilitando livre passagem. A cobertura do edifício possui aberturas, permitindo a entrada de luz natural sobre o espaço destinado à sociabilidade.



Foto: Eduardo Costa/Acervo CPC-USP

USOS ATUAIS

Concebida como proposta para a formação do espírito universitário da USP, a FFLCH representa a união dos cursos das letras, ciências humanas e filosofia. O convívio universitário é parte fundamental de quem passa pela FFLCH, sendo latente em locais como o Espaço Verde da Letras, espaço de convivência dos estudantes; o gramado (chamado pelos estudantes de morrinho), lugar de reunião e refeições antes ou depois das aulas; a Biblioteca Florestan Fernandes, o maior dos vários espaços de estudo espalhados pelos departamentos da FFLCH; o vão da história e geografia, que tem a sua proposta de sociabilidade muito explorada também nas tradicionais festas que ocupam todo o espaço, com os estudantes da USP e universitários em geral.





BIBLIOGRAFIA

CABRAL, Neyde A. Joppert. **A Universidade de São Paulo: Modelos e Projetos**. São Paulo: Edusp, 2018.

LIRA, José Tavares Correia de (org.). **Patrimônio Construído da USP: Preservação, Gestão e Memória**. São Paulo: Edusp, 2014.

LOURENÇO, Maria Cecília França (org.). **Bens imóveis tombados ou em processo de tombamento da USP**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 1999.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Centro de Preservação Cultural. **Cidades universitárias: patrimônio urbanístico e arquitetônico da USP**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2005. (Cadernos CPC)

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). **Universidade de São Paulo: alma mater paulista**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 1998.

Para a bibliografia completa, consultar o QRCode.

Este volume foi composto em 2023 com o tipo Lato, desenhado por Łukasz Dziedzic em 2010. O volume foi impresso em papel Offset 150g/m² em novembro de 2023.

**Para ampliar a sua
experiência, escute os
áudio-guias e conteúdos
complementares.**



*Este material integra a coleção
Roteiros do Patrimônio da USP,
produzida pelo Centro de Preservação Cultural
da Universidade de São Paulo.
2024*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-Reitora: Maria Arminda do Nascimento Arruda

PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO

Pró-Reitora: Marli Quadros Leite

Pró-Reitor Adjunto: Hussam El Dine Zaher

CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL

Diretora: Flávia Brito do Nascimento

Vice-Diretora: Simone Scifoni

CORPO TÉCNICO E ADMINISTRATIVO

Assistente de Direção: Bruna Gabriela Elias

Analista de Comunicação: Eduardo Kishimoto

Analista de Sistemas: Antonio Francisco de Azevedo

Educadora: Maria Del Carmen Ruiz

Especialistas em Laboratório: Ana Célia de Moura e
Gabriel Fernandes

Técnico Administrativo: Cristiano Moraes da Trindade,
Dayane de Oliveira

Técnico de manutenção/obras: José Marcos Gonçalves

ROTEIROS DO PATRIMÔNIO DA USP

Coordenação: Flávia Brito do Nascimento

Concepção e Textos: Flávia Brito do Nascimento,
Marina Gazzoli Pio, Rodrigo Augusto das Neves,
Susan Chou

Pesquisa: Ana Luiza Botini, Beatriz Catenaccio, Caio
Vitoreli, Caroline Souza, Guilherme Boaventura, João
Victor, Joyce Pereira Gonçalves, Larissa Sant'Anna,
Laura Vasco, Luciana Mello, Marina Gazzoli Pio, Patrick
Correa, Rodrigo Augusto das Neves, Samara dos Santos

Projeto Gráfico: Susan Chou, Júlia Moraes

Revisão: Ana Célia de Moura e Gabriel Fernandes





